

CIRCULAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE INFORMAÇÕES: PROFESSORES CONECTADOS NO FACEBOOK

Janaína Rosado, UNEB – Salvador/Bahia, janainarosado@yahoo.com.br
Lynn Alves, UFBA - Salvador/Bahia, lalves@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa compartilhar os resultados parciais da pesquisa de doutorado em andamento realizada no Brasil com um grupo de docentes usuários do *Facebook*. Participaram da pesquisa doze professores oriundos de diversas áreas do conhecimento. O *Facebook* é um site de redes sociais com significativo número de participantes em nível mundial configurando-se como um ambiente sociocultural no qual pessoas estabelecem laços sociais, inclusive os docentes e seus alunos. Destarte, a metodologia de base etnográfica apresentou-se como o aporte metodológico mais adequado para esta investigação. A nossa conclusão inicial é de que os docentes conectados fazem, de suas páginas, espaços de discussão, reflexão, divulgação e propagação de informações. Estas ações podem revelar-se como uma estratégia de valorização da profissão de professor, bem como a relação com alunos no *Facebook* pode provocar tensão e influenciar a sua prática.

PALAVRAS-CHAVE: Docentes; Redes Sociais na Internet; Compartilhamento e Propagação de informação; *Facebook*.

CIRCULATION AND SPREAD OF INFORMATION: TEACHERS CONNECTED ON FACEBOOK

ABSTRACT: The present work aims to share the partial results of the ongoing doctoral research carried out in Brazil with a group of faculty members who use Facebook. Twelve teachers from different areas of knowledge participated in the research. Facebook is a social networking site with a significant number of participants globally, setting itself up as a sociocultural environment in which people establish social bonds, including teachers and their students. Thus, the methodology based on ethnography was presented as the most appropriate methodological contribution for this investigation. Our initial conclusion is that connected teachers make their pages, spaces for discussion, reflection, dissemination and dissemination of information. These actions may prove to be a strategy of valuing the teaching profession as well as the relationship with students on Facebook can provoke tension and influence their practice.

KEYWORDS: Teachers; Social Networking on the Internet; Sharing and Propagation of information; Facebook.

1. Introdução

O estudo e discussões apresentados neste artigo são parte integrante da pesquisa de doutorado em andamento realizada no Brasil com um grupo de professores e objetiva saber quais sentidos e significados estes docentes atribuem à relação com seus alunos no *Facebook* e como esta relação tensiona sua prática. Participaram da pesquisa doze professores universitários, mestres e doutores principalmente em educação, oriundos das áreas de psicologia, pedagogia, história, filosofia, letras, jornalismo, design,

comunicação e um professor de física que atua no ensino médio com mestrado na área de ensino.

Compreendemos que o *Facebook* é um site de rede social e que se configura em um espaço de compartilhamento de informações e de comunicação entre pessoas. Estas redes são formadas por atores e suas conexões e constituem-se em “[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.” (RECUERO, 2009, p. 24). Nestes espaços, podemos notar perfis de professores que dialogam com seus alunos e/ou divulgam suas perspectivas teórico-metodológicas. Em nossa pesquisa, observamos que a relação de amizade¹ entre professor e educando na rede pode promover mais diálogos para além dos conteúdos escolares e acadêmicos, ampliando o espaço docente. Para Souza et al (2017) a relação nos sites de redes sociais promove o compartilhamento de informações, discussão de ideias e construção de um processo cognoscente em colaboração entre professores e alunos. Tais laços de amizade implicam em uma docência *always on*², ou seja, os professores que interagem com seus alunos nestes sites de redes sociais tornam-se acessíveis e por consequência supostamente disponíveis quase todo tempo. Isso significa afirmar que a linha divisora dos momentos pessoais e profissionais desse sujeito que é professor está reconfigurando-se ou mesmo desaparecendo?

A dinâmica de compartilhamento de informações no universo do *Facebook* evidencia uma das características da cultura da conexão apontada por Jenkins et al (2014), a saber, a propagabilidade. De acordo com os autores, nesta cultura “se algo não se propaga, está morto” (p. 23), ou seja, o que não é passível de propagação ou que não tem potencial técnico e cultural de compartilhamento está fadado ao esquecimento e à morte nas redes sociais na Internet.

2. Trilhas metodológicas

(...) a internet pode ser tanto *objeto* de pesquisa (...), quanto *local* de pesquisa (...) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (...). (FRAGOSO et al, 2013, p. 01)

Quando pensamos em pesquisa na Internet, considerando a coleta e análise de dados neste espaço, devemos atentar para os diversos desenhos metodológicos necessários para estes estudos. Fragoso et al (2013) apontam que na literatura da área podemos encontrar diversos métodos utilizados: análise de conteúdos, análise de discurso, etnografia, análise de redes sociais, entrevistas, estudo de caso, observação participante, análise de hiperlinks, análise de webesfera, webmetria, entrevistas em profundidade, análise documental, teoria fundamentada, grupo focal *online*, análise de conversação, pesquisa de opinião, interacionismo simbólico etc, inclusive com possibilidade de diálogo entre os métodos.

Acreditamos que para esta investigação, que se debruça sobre a circulação e propagação de informações publicadas pelos professores nas redes sociais na Internet, a metodologia de base etnográfica é adequada e nos proporciona melhores condições de coleta e de análise de dados, possibilitando o uso de duas ou mais técnicas, favorecendo a triangulação de resultados.

1 Palavra usada dentro da rede social *Facebook* para designar que há um laço social entre as pessoas.

2 O que não tem interrupção.

Do grego *ethos* (cultura) e *grafhe* (grafia) a etnografia³ se propõe estudar os processos da interação social. São muitas as discussões sobre o conceito do termo, mas nesta pesquisa iremos dialogar com a perspectiva de Angrosino (2009, p. 30), que compreende etnografia como “(...) a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.” A etnografia carrega a preocupação em compreender a vida e a existência social como consequência do relacionamento e do convívio. Em se considerando o ciberespaço como um espaço sócio-cultural, a abordagem de base etnográfica adequa-se às necessidades desta pesquisa, uma vez que pretendemos compreender como o fenômeno é vivenciado. Acreditamos que, mesmo quando este grupo humano está em um lugar onde não há territorialidade geográfica, é possível trabalhar com metodologia de base etnográfica. Termos como netnografia, etnografia virtual, ciberantropologia, webnografia foram cunhados por autores na tentativa de adaptar a metodologia etnográfica aos meios digitais. Um desses termos é a netnografia, neologismo criado por Kozinets (2014) que é compreendida como metodologia que possui características singulares no que tange ao objeto e espaços de pesquisa, deixando bem clara a diferença entre *offline* e *online*. Kozinets (2014) defende que a netnografia é um método de pesquisa de observação participante experienciado em interações online com procedimentos, protocolos e ritos próprios, indicada para ser usada em ambientes virtuais.

A etnografia virtual, termo cunhado por Hine (2000), assim como a netnografia, apresenta-se como método de pesquisa qualitativa e tem sua origem na antropologia cultural, constituindo-se em processo que se desenvolve a partir da ação do investigador e dos caminhos escolhidos por ele dentro do contexto pesquisado.

Para Hine (2000), a etnografia virtual pode ser usada para aprimorar a percepção sobre o conhecimento da tecnologia digital e dos espaços sócio-culturais que são por ela pesquisados. Por isso, a etnografia virtual tem espaço garantido nas pesquisas em que os objetivos incluem perceber o que as pessoas estão fazendo no ciberespaço. Se tempo e espaço são categorias importantes para a etnografia tradicional, visto que o pesquisador se insere fisicamente em determinado grupo, como este faria tais procedimentos nos meios digitais, já que na contemporaneidade vemos que as tecnologias digitais vem proporcionando repensar as próprias ideias de tempo e de espaço?

Ao problematizar os usos da etnografia na Internet, o que esta autora apresenta-nos é a possibilidade de repensar a etnografia em espaços virtuais nos quais o entendimento do que sejam espaço e tempo sofre mudança de acordo com os novos cenários tecnológicos e as diferentes formas de interagir dos sujeitos. A própria autora convida-nos a refletir sobre o termo cunhado por ela, etnografia virtual, argumentando que a etnografia é a mesma, o que tem características diferentes é o espaço empírico: Internet.

Utilizar a etnografia virtual é uma forma de estar presente nestas redes sociais com um olhar crítico no movimento que se constitui no rizoma da própria rede. É importante escapar de uma visão integrada da realidade, e nem tender ao determinismo tecnológico e apocalíptico (ECO, 1998), sendo necessário certo ceticismo na aproximação etnográfica (HINE, 2000), que relativize a força e a direção das transformações sociais que as tecnologias podem promover.

3 <https://www.significados.com.br/etnografia/> Acesso em 25 set 16.

Rifiotis e Segata (2016) refletem sobre o resgate de um pleito etnográfico para a pesquisa na cibercultura, discutindo pressupostos de uma etnografia que se coloque a descrever as conexões existentes nas ações dos sujeitos partícipes da rede. Esta visão promete uma discussão aprofundada da práxis etnográfica e nos registros deixados na rede pelos sujeitos, constituindo-se em uma etnografia no ciberespaço⁴. Trata-se, portanto, de uma discussão também sobre antropologia e sociologia contemporâneas.

Vislumbramos que a pesquisa de base etnográfica apresenta, de forma indissociável para o *corpus* do trabalho, a subjetividade do pesquisador, a pluralidade do olhar, o contexto e a descrição precisa, intensa, profunda do que está sendo observado. O investigador apreende, reflete e aprende com o *locus* de pesquisa, questionando-o e questionando-se sobre o contexto analisado. Aqui podemos convidar à cena Boaventura Santos (1989) na discussão sobre os paradigmas da ciência, visto que tudo passa pelo olhar do pesquisador, sendo ele um intérprete e re-criador daquela realidade observada.

Desta forma, o pesquisador é um observador que traduzirá tudo que for captado pelo seu olhar, sensibilidade e técnica. Desde o pesquisador silencioso ou “lurker”⁵, que tão somente observa o grupo social em questão até o “insider” (FRAGOSO et al 2013), passando por todos os níveis de participação no grupo pesquisado, todos os pesquisadores que optarem pela etnografia estarão inseridos no contexto da pesquisa e de alguma forma irão interferir neste ambiente. A prática do lurker é “característica do ciberespaço e através dela o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros.” (POLIVANOV, 2013). Já o pesquisador insider “está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo.” (POLIVANOV, 2013). Ainda na perspectiva de compreender o papel do pesquisador que tem como campo a Internet, podemos incluir na discussão dois outros conceitos: o distante e o envolvido. Morton (2001) autor que discute estes conceitos, nomeia distante o pesquisador que observa o grupo social, porém não há interferência do pesquisador no ambiente, constituindo-se assim uma observação não participante. Já o pesquisador envolvido, como o próprio nome sugere, está intensamente imbricado no ambiente, interagindo com as pessoas do grupo.

3. Observação dos docentes conectad@s

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais promovem a amplificação das possibilidades de interação entre as pessoas e podem influenciar na percepção que temos do mundo e de nós mesmos, contribuindo para a constituição da subjetividade. Para Lèvy (1999), as tecnologias são intelectuais, compreendidas como artefatos que ressignificam e alteram a ecologia cognitiva dos sujeitos, o que resulta na construção ou reorganização de funções cognitivas, como a atenção, a criatividade, a imaginação, a memória, e contribuem para determinar o modo de percepção e intelecção pelo qual o

4 De acordo com Levy (1999, p. 17), “é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”

5 Tem origem na palavra “lurking”, que traduzindo para o português significa “ficar à espreita”. Tradução das autoras.

sujeito entende o objeto. Para Baron (2014), as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano das pessoas, principalmente jovens. Como observa o autor, os jovens, desde que nascem, já estão imersos nesses espaços de conexão de rede.

Ante às transformações e inovações tecnológicas que mudam o *modus vivendi* dos sujeitos, transformando e instaurando novos processos na economia, política, cultura, indústria, saúde, entretenimento e educação, nota-se o forjar de sujeitos imersos nas tecnologias digitais que protagonizam ações, compartilham informações, ora são produtores e ora consumidores de conteúdo. Estamos presenciando a Revolução da Conexão (ARBACHE, 2012) em que a maioria das pessoas vive conectada. Esta característica da conectividade *always on* é marcante nos dias atuais. O avanço tecnológico transforma o nosso dia-a-dia favorecendo uma importante capacidade de nos relacionarmos intimamente com mídias digitais e com o ritmo veloz da era da informação. Este rápido processo é refletido na forma como nos comunicamos, aprendemos, trabalhamos, nos divertimos, nos relacionamos, cuidamos da saúde etc.

Nesse contexto ressaltamos as redes sociais digitais que prometem atender à recorrente necessidade de comunicação, exibição, visibilidade, autoprojeção e protagonismo dos sujeitos conectados, assim como produção e compartilhamento de conteúdo de forma rápida e com significativo alcance. As redes sociais digitais apresentam importante potencial de interação social e o olhar do outro torna-se condição imprescindível para atender à necessidade das pessoas de serem observadas, percebidas e de serem aprovadas. Aí está centrada a lógica do “apareSer” (DAL BELLO, 2011), em que “a relação que se estabelece é entre o *eu* que se faz visível para que o *outro* possa reconhecê-lo, admirá-lo, validá-lo como *alguém(...)*”.

Neste universo tão diverso e complexo que é a rede social na Internet elegemos para o nosso trabalho o *Facebook* que em 2015 era utilizado por cerca de 89 milhões de internautas no Brasil⁶ com previsão de aumento exponencial. O ano de 2016 trouxe outros números. O então diretor de parcerias do *Facebook* para a América Latina informou que 102 milhões de brasileiros ativos tinham conta nesta rede social⁷. Em novembro de 2017 o NASDAQ: FB⁸ divulgou que a média de usuários por dia do *Facebook* em setembro de 2017 foi de 1,37 bilhões de pessoas em todo mundo e de 2 bilhões de usuários por mês no mesmo período.

Também em 2017, o *Digital in 2017 Global Overview*⁹ da *We Are Social*¹⁰ e *Hootsuite*¹¹ apresentou seu mais recente relatório o qual revelou que mais da metade da

6 Segundo consultoria eMarketer. Disponível em <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/89-milhoes-de-brasileiros-acessam-o-facebook/43687> Acesso em 26 junh. 15.

7 <https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-brasileiros/57706> Acesso em dez 16.

8 Dados publicados em novembro de 2017. Disponível em <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2017/Facebook-Reports-Third-Quarter-2017-Results/default.aspx> Acesso em 25 fev. 2018.

9 Disponível em: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview> Acesso em: jan. 2017

10 Disponível em: <https://wearesocial.com/> Acesso em: 25 jan. 2017

população mundial usa a Internet. A influência e mudança na vida das pessoas que a conectividade digital provoca foi ressaltada nas descobertas. De acordo com o relatório, o *Facebook* é o site de rede social com mais usuários ativos diariamente, com o expressivo número de mais de um bilhão de pessoas em nível mundial. No Brasil o *Facebook* tem 62% de usuários ficando logo atrás do *Youtube* com 63%.

No período entre 21 e 27 de novembro de 2016, durante quarenta e nove horas, observamos as postagens¹² nas *timelines*¹³ de inicialmente vinte e dois sujeitos conectados ao *Facebook*. A escolha dos atores desta pesquisa foi com base em critérios específicos descritos a seguir: a) definirem-se como docentes em seus perfis no *Facebook*; b) terem nacionalidade brasileira; c) estarem no nosso círculo de amigos no *Facebook*, ou seja, o fato de termos acesso a seus perfis na rede e consequentemente podermos priorizar os perfis dos docentes conectad@s no meu *feed*¹⁴ de notícias, o que promoveu condições favoráveis de observação e de coleta das postagens no mesmo dia em que eram lançadas na rede.

Durante o período de imersão no *locus* desta pesquisa, destinamos olhar atento e minucioso sobre toda e qualquer publicação feita pelos docentes. Catalogar os assuntos foi um desafio. Para viabilizar esta etapa, elaboramos um roteiro com categorias de observação. Este roteiro teve por finalidade auxiliar na orientação do olhar sobre *locus da pesquisa* visto que não tínhamos hipóteses, mas premissas acerca do objeto a ser observado. O roteiro antes funcionou como um fio condutor da observação e não como instrumento que encerrou em si todas as possibilidades de análise. O desenrolar da observação apontou-nos inclusive outras categorias de análise, ratificando que junto com o roteiro o pesquisador deve estar atento também ao que emerge do campo observado. Para delimitar o *corpus* da pesquisa aplicamos como critérios a alta conectividade e a quantidade de postagens realizadas durante o período observado e realizamos um ranqueamento dos professores para efeito de análise. Foram quatrocentas e noventa e nove postagens na semana, entre textos longos e curtos, registros imagéticos, links que abriam outras janelas¹⁵ e diante do quadro emergente, atentamos para uma regularidade de *posts* entre os três primeiros ranqueados, cada um com cento e dezesseis, cem e setenta e três postagens respectivamente. Entre os últimos do ranque temos entre uma publicação e nenhuma postagem na semana.

Após analisar a quantidade de postagens dos sujeitos, ponderamos que seria necessário trabalhar com os sujeitos que fizeram pelo menos mais de dez postagens por semana e desta forma elegemos, dentro das vinte e duas pessoas observadas, os doze primeiros sujeitos para dar prosseguimento à pesquisa. Desta maneira, nós escolhemos

11 Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/> Acesso em: 25 jan. 2017

12 Quaisquer informações divulgadas nos perfis dos usuários do *Facebook*.

13 Palavra inglesa que significa linha do tempo.

14 “As publicações que se vê no *Feed* de Notícias têm como objetivo manter-te ligado/a a pessoas, locais e coisas que te interessam, começando pela tua família e amigos.” Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/> Acesso em: 06 fev. 18.

15 Todas as postagens foram observadas, computadas e analisadas, inclusive as indicações de *links* que abriam para outros espaços fora do *Facebook*.

atores sociais que postaram entre cento e dezesseis e treze publicações em suas páginas no *Facebook* na semana em estudo.

Então o *corpus* desta pesquisa é composto por doze docentes conectad@s assim denominados por serem professores com contas ativas, atuantes e com quantidade de postagem significativa no *Facebook*. Acreditamos que o número final de participantes desta investigação é adequado principalmente considerando o ponto de saturação dos dados. A “saturação teórica ocorre quando novos elementos deixam de surgir dos dados coletados.” (NASCIMENTO *et al*, 2018, p. 05) Moré (2015) cita em seu artigo um estudo realizado por G. Guest, A. Bunce, and L. Johnson, que está na obra “*How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability*”, sobre a quantidade de participantes e o ponto de saturação de dados. A autora explana que das sessenta entrevistas realizadas sobre a mesma temática com público semelhante, foi percebido que o ponto de saturação era alcançado na décima segunda pesquisa, ressaltando que já na sexta entrevista os dados elementares de saturação já surgiam.

De acordo com este estudo doze sujeitos é uma quantidade adequada para analisar se há necessidade de outros sujeitos ou não. Moré (2015) afirma que “o referencial teórico utilizado, o recorte do estudo, expresso no objetivo principal do estudo, a profundidade que se deseja (número questões principais e complementares) e as características dos participantes, no que diz respeito à sua homogeneidade” (p. 03) são aspectos importante para se atingir saturação de dados.

Os sujeitos da pesquisa são oriundos de diversas áreas do conhecimento: um da psicologia, dois da pedagogia, um da história, um da filosofia, três das letras, um da comunicação, um da matemática, um da física, um da engenharia de alimentos. São dois mestrandos, um mestre, três doutorandos, três doutores e três pós-doutores nas áreas de educação, biotecnologia, ensino de física e humanidades. Oito pesquisados são professores de Universidades, dois ensinam em Institutos Federais de Educação. Um professor leciona concomitantemente em faculdades particulares e na educação de jovens e adultos em escolas municipais e um docente ensina em escolas particulares de grande porte. As informações sobre a formação acadêmica e profissional dos sujeitos da pesquisa foram coletados no perfil de cada docente no *Facebook* e na Plataforma Lattes¹⁶. A idade dos sujeitos não foi alvo desta pesquisa, mas observamos que eles estão na faixa etária entre os trinta e cinquenta anos. Destas doze pessoas oito são homens e quatro são mulheres¹⁷. Estes(as) docentes publicaram temas diversos como citei anteriormente e que podemos ver a seguir:

I. Religião: surgiu em posts de imagens de santos, em orações, comentários sobre preconceito e intolerância religiosa, vídeos sobre diferentes religiões, mensagens de fé e de esperança. Percebemos que o tema mais citado nos *posts* durante o período da observação foi religião.

II. Conscientização sobre o fato de racismo ser crime inafiançável, pouca presença de negros na televisão, relatos de ordem pessoal sobre situações que envolvem discriminação racial, combate ao preconceito ao cabelo do negro foram assuntos que estiveram na pauta neste grupo.

16 Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 21/04/2018

17 Nenhum critério de sexo foi utilizado na pesquisa.

III. Concernente ao tema educação, informações relativas a eventos na área foram os conteúdos que mais circularam nas páginas dos professores. Chamou-nos a atenção como o tema do descaso dos governantes com o ensino saltaram das páginas dos docentes. Outros assuntos que movimentaram a *timeline* dos pesquisados foram relatos de experiências profissionais exitosas, também mensagens de desabafos sobre algum assunto da área, salário, manifestações que ocorreram no Brasil em defesa da educação no país, editais de fomento, divulgação e propagação de cursos e concursos, informes aos educandos sobre textos e/ou atividades a serem realizados no espaço online ou presencialmente.

IV. A vida cotidiana surgiu nas telas da rede por meio de *posts* sobre o que as pessoas fizeram, onde e com quem. Ir à academia, festas, shows, trabalho, faculdade, etc, sempre ganha grande interesse no *Facebook*. Neste grupo “vida cotidiana”, as fotos têm destaque especial: registro imagético dos filhos, dos lugares onde estão passando férias, atividades temporárias em lugares diferentes do seu dia a dia, viagens românticas ou com amigos. Ainda dentro desta lógica, podemos ressaltar a elaboração dos vídeos pessoais e claro as *selfies*¹⁸. Esta última tornou-se prática quase que obrigatória quando o assunto é vida pessoal. Registrar e compartilhar sua imagem em vários momentos, inclusive íntimos, faz parte da cultura da conexão e da necessidade das pessoas de visibilidade.

V. Mensagens de amor também circularam muito na rede dos sujeitos desta pesquisa. Eram declarações destinadas a uma pessoa determinada ou mensagens que pediam mais amor no mundo. A palavra “amor” foi amplamente citada, e mesmo quando a referência não era explícita, podíamos identificá-la através dos conteúdos de vídeos, imagens, comentários que eram compartilhados com o público.

VI. Culinária foi um tema apetitoso e muito degustado pela audiência. Além de “oferecer” o que se estava comendo, existia uma troca de receitas e modos de fazer, o que movimentava muito a rede. Esse tipo de postagem costuma promover a impressão de uma forma de intimidade como se estivéssemos na cozinha ou na sala da casa do autor da publicação.

VII. O tema esporte surgiu nos perfis, na maioria das vezes, abarcando o assunto olimpíadas¹⁹ de 2016 de forma preocupada. As postagens circulavam em torno das condições políticas e financeiras do país que sediaram um evento deste porte. A questão da insegurança de brasileiros e de estrangeiros, neste período, também foi amplamente discutida. Campeonatos de futebol também foram alvo das postagens.

VIII. O cenário político do país, dos estados e dos municípios também foi tema das postagens. Manifestações tanto de apoio quanto de descontentamento com o governo vigente na época desta observação foram expressas. Informações, opiniões, críticas, elogios e discussões aconteceram neste período.

IX. Sexualidade está entre os assuntos em que se mais produziu e compartilhou conteúdos. Trata-se de um termo que abrange uma variedade de significados que não permitem uma única verdade sobre o conceito. É um traço muito íntimo do indivíduo em que tudo pode ser relativo. Desta forma, classificar postagens neste grupo foi mais um desafio neste trabalho.

18 Ação de fotografar-se.

19 As Olimpíadas Olímpicas de 2016 aconteceram o Brasil.

X. Os impactos ambientais, a morte de pessoas causadas por acidentes ambientais e agrotóxicos presentes em alimentos foram assuntos, dentro do grupo natureza, de maior destaque nas postagens e reverberou fortemente durante todo o período de observação.

XI. Muitas vezes, o próprio sujeito era alvo do seu humor, fazendo graça do que dizia ou de uma situação vivenciada. Outras vezes percebemos que os sujeitos tinham como objeto de comicidade outras pessoas, famosas (da mídia) ou não. A ferramenta de opções que o *Facebook* oferece sobre como as pessoas estão se sentindo ajudam a compor o *post* especialmente quando a alusão é ao riso. O humor transita fortemente na rede como pano de fundo para abordar diversas questões da contemporaneidade e nossos sujeitos utilizaram amplamente desta maneira para expor seus pensamentos e sentimentos.

Conclusão preliminar

Neste artigo, nós compartilhamos os resultados parciais da pesquisa de doutorado apresentada na introdução. Observamos que os docentes conectad@s fizeram de suas páginas no *Facebook*, espaços de discussão, reflexão, divulgação e propagação de informação, sobre diversos temas inclusive educação, tudo isso com base na interação e na audiência que possuem na rede. Audiência essa que é composta por colegas de profissão, pais de alunos e dos próprios discentes.

Notamos que dez professores “marcaram”²⁰ seus alunos nas postagens sobre educação e inferimos que a intenção era de justamente fazer um chamamento deste público a refletir e discutir questões que envolviam o tema educação. Retomando o conceito de Jenkins pensamos que o ato de divulgar e propagar informações sobre educação no *Facebook* pode constituir-se em formas de manter viva a função docente dentro de uma sociedade na qual cada vez mais a visibilidade é um capital social cobiçado. Concordamos com Santana (2014, p. 217) quando a autora afirma que “a visibilidade é investimento, custo e valor acumulado que associa tantos outros valores para os sujeitos em seus agregados sociais”. Quem tem capital social além de ter muito alcance nos sites de redes sociais pode também crescer profissionalmente. Este capital social “constitui-se em recursos que são mobilizados através das conexões sociais, única e exclusivamente. (RECUERO, 2012, p. 2). Destarte, compartilhar e propagar informações no *Facebook* pode revelar-se como uma estratégia de valorização do sujeito docente e da sua profissão. Os docentes entendem que os sites de redes sociais renovam o papel docente, na medida que as tecnologias digitais demandam de todos nós, usuários das redes, novas forma de ser e de estar no mundo.

Referências Bibliográficas

ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. Tradução de José Fonseca. Artmed, 2009.

ARBACHE, F. *Quem é a Geração C?* Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/noticias/comportamento/gente/noticias/quem-e-a-geracao-c-11743.html>. Acesso em 04 ago 2013.

²⁰ Mecanismo disponível no *Facebook* para chamar atenção de uma pessoa para uma postagem específica.

BARBIER, R. *A escuta sensível em educação*. Cadernos ANPEd, Belo Horizonte: Editora da UFMG, n. 5, p. 187-216. , 1993.

BARON, G.-L. *Elèves, apprentissages et « numérique » : regard rétrospectif et perspectives*. Recherches En Éducation, 18, 91–103, 2014.

DAL BELLO, C. *Visibilidade mediática cibercultural: apontamentos sobre a fenomenologia do “apareSer”*. In: Simpósio Nacional de Cibercultura, 5, 2011. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para a Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

HINE, C. *Etnografía Virtual*. Colección Nuevas Tecnologías e Sociedad. Editorial: UOC, 2000.

JENKINS, H., FORD, S. e GREEN, J. *Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2011.

KOZINETS, R. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno. Revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORÉ, C. L.O. O. *A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde*. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>. Acesso em: 28 abr. 2018.

MORTON, H. *Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology*. Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices, v. 45, n. 1, pp. 3-11, 2011.

POLIVANOV, B. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. Revista Esferas. Ano 2. Nº 3, 2013

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. *O capital social em rede: como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social*. Contemporânea: comunicação e cultura, v.10,

n.03 – set-dez 2012a – p. 597-617. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/0>>. Aces 05 Dez 2017.



RIFIOTIS, T. e SEGATA, J. (éds.) *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. – Brasília : ABA Publicações ; Joinville : Editora Letradágua. 208p., 2016.

SANTANA, C. L. S. e. *Visibilidade mediada: estratégias e ações docentes no twitter*. Tese (Doutorado). Prof. Orientador Edvaldo Souza Couto. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

SANTOS, B. S. *O discurso sobre as ciências*. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, P. I. de C. de., SOUSA, C. C. de., SOUSA, R. P. de., MELO, R. F. *Facebook como ambiente de aprendizagem colaborativa na disciplina de banco de dados*. Revista Novas Tecnologias na Educação – Renote, rio Grande do Sul, V. 15 N° 2, dezembro, 2017. ISSN 1679-1916.